

Artigo de Revisão

DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2447-8539.20170010>

O uso abusivo de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina.

The abusive use of methylphenidate among medical students.

Lucivânia Marques Pacheco^{1*}, Augusto Sergio Inacio Leme¹, Eduardo Duarte Senra¹, Eurides Batista Faria Netto¹, Felipe Messias Boaventura Alves¹, Gabrielle Santiago Silva¹, Gustavo Louza Garcia¹, Ingo Yoshi Matsubara Garcia¹, Isabela Mendes Correia¹, João Pedro Amorim Leão¹, Juan Filipe Teixeira Nave¹, Juliana Oliveira¹, Larissa Miranda Rocha¹, Lauana Castro Faria¹, Rafael Leal Freire¹, Raphael de Sousa Dantas Azarias¹, Wirley Arantes da Rocha¹, Gustavo Moraes¹

¹ Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos – IMEPAC. Araguari, MG.

* Autor para correspondência (e-mail): lucivania@imepac.edu.br

RESUMO

A incidência de casos do transtorno neurocomportamental, conhecido como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), facilitou o acesso ao medicamento conhecido popularmente como Ritalina – Metilfenidato. Embora útil no tratamento desse transtorno, o metilfenidato, devido às suas propriedades psicoestimulantes, tem sido usado de forma abusiva por estudantes de diversos cursos, sobretudo por estudantes do curso de Medicina. Assim, este estudo busca, por meio de uma revisão de artigos indexados em bases de dados, descrever o padrão de uso (sem prescrição) desse medicamento por estudantes de Medicina. Os resultados encontrados apontam que uma parcela relevante de alunos de Medicina já ouviu falar ou já utilizou o metilfenidato (sem prescrição médica) para aumentar o rendimento acadêmico, evidenciando a necessidade de se criar estratégias que minimizem o estresse inerente ao curso para que, assim, se consiga combater o uso inadequado dessa droga.

Palavras-Chave: metilfenidato, estudantes de medicina.

ABSTRACT

The incidence of neurodevelopmental disorder, known as Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), eased the access to the drug known as Ritalin - Methylphenidate. Although it is useful in the disorder treatment, the methylphenidate, due to its psychostimulant properties has been used abusively by students of various programs, especially by medical students. Thus, this study seeks, through a review of articles indexed in databases, to describe the (non-prescription) pattern of use of the drug by medical students. The results show a significant number of medical students have heard or already used methylphenidate (without a prescription) to increase academic achievement, evidencing the need to create strategies that minimize the stress that is inherent to the program in order to fight this current drug use.

Key Words: methylphenidate, medical students.

Introdução

O metilfenidato é uma substância química do grupo das anfetaminas, utilizado como medicamento para tratamento de diversas doenças associadas ao Sistema Nervoso Central (SNC). Sua ação, baseada em mecanismos excitatórios dos receptores alfa e beta adrenérgicos, aumenta a concentração e a coordenação, além de propiciar melhor controle dos impulsos.

A principal condição tratada com esse fármaco é o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH),

caracterizado pela presença de problemas relacionados à atenção, hiperatividade e impulsividade incompatíveis com a idade do indivíduo.

Entretanto, ultimamente, o uso do metilfenidato, sem receituário médico, vem aumentando, sobretudo entre estudantes universitários nos períodos de elevado estresse como em época de provas.

Observa-se, principalmente nos discentes do curso de Medicina, que grande parte dessa utilização é feita de modo indiscriminado e sem as devidas recomendações médicas.

A popularidade desse fármaco entre pessoas saudáveis pode ser explicada pela busca de um maior rendimento intelectual, principalmente em situações que exigem melhor desempenho e precisão na realização de certas atividades.

Isso pode ser evidenciado mais facilmente entre os acadêmicos do curso de Medicina, pelo fato de se sentirem sobrecarregados com o vasto conteúdo administrado, pela extensa carga horária e pela responsabilidade imposta pela profissão ao lidar com vidas.

Como apontam Cruz et al. (2011), um dado preocupante é o grande número de pessoas que sabem onde comprar o medicamento sem receita médica. Assim como anfetaminas, para prescrição deste medicamento é exigida notificação de receita A (cor amarela), de difícil acesso, até mesmo para médicos. Esse fato, assevera os autores, “insere-se na realidade do nosso país onde remédios controlados são encontrados à venda em feiras livres.”

Dessa forma, é relevante apresentar um estudo que possibilite aferir o uso abusivo de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina, por meio de Revisão Literária, discutindo sobre estudos que convergem para o mesmo objeto da presente pesquisa.

A fim de atingir o objetivo proposto neste estudo foi empreendida uma busca de artigos acadêmicos produzidos nos últimos anos em bases de dados eletrônicas, e em referências bibliográficas de trabalhos acadêmicos. Por se tratar de uma revisão de cunho narrativa, foi feita uma análise qualitativa da literatura encontrada com intuito de ampliar os conhecimentos sobre a temática abordada. Foram usados como descritores: metilfenidato, estudantes de medicina.

Discussão

O metilfenidato, popularmente conhecido como Ritalina, é um fármaco da categoria dos anfetamínicos – estimulante do sistema nervoso central – e tem como principais indicações o tratamento da narcolepsia e do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Porém, cada vez mais esse medicamento tem sido usado por um público diferente, qual seja, estudantes de medicina, com o intuito de potencializar o desempenho cognitivo, uma vez que a dinâmica do curso de medicina impõe, aos estudantes, uma sobrecarga e estresse elevados, deixando-os suscetíveis a uma série de distúrbios emocionais.

Os universitários, devido a suas obrigações e cobranças internas, representam grande parcela dos usuários que não apresentam indicações clínicas, como TDAH. No Brasil, ainda não existe uma palavra ou expressão estabelecida para nomear essa prática, porém, surgiram algumas denominações, tais como: “uso instrumental de remédios”, “drogas para turbinar o cérebro”, “neurologia cosmética”, “dopping cerebral” e “drogas de inteligência” (CARNEIRO et al, 2013, p. 53).

O “uso instrumental” do medicamento conhecido popularmente como Ritalina tem sido objeto de vários estudos. Aliás, o uso de tranquilizantes sem receita médica parece ser uma prática comum entre estudantes brasileiros. Isso pode ser comprovado por meio de estudos como o de

Opaleye (2013) que analisou o uso não prescrito de tranquilizantes por estudantes brasileiros. A autora realizou sua pesquisa em 27 capitais brasileiras, aplicando um questionário autoexplicativo para 47.979 estudantes de 10 a 18 anos do Ensino Fundamental e Médio.

Os resultados dessa pesquisa podem servir de pano de fundo para o atual quadro de uso do metilfenidato por estudantes do curso de Medicina: 3,9% dos entrevistados usam tranquilizantes, sendo o diazepam o mais utilizado, e 80% relata a obtenção do medicamento em ambiente familiar, sendo que o principal motivo de uso foi a automedicação.

Há a prevalência no sexo feminino e em indivíduos com melhores condições financeiras. Além disso, o uso de metilfenidato foi associado com o uso de outras drogas como o álcool e drogas ilícitas.

Essa pesquisa evidencia a facilidade da obtenção de um medicamento de prescrição médica em âmbito familiar e a falta de informação da população com relação aos perigos apresentados pela automedicação, visto se tratarem de medicamentos com uma gama aumentada de efeitos colaterais.

Fazendo um recorte para o uso específico do metilfenidato entre estudantes de medicina, Carneiro et al. (2013), por exemplo, realizaram um estudo transversal em que investigaram o uso dessa droga entre estudantes de medicina, desde o primeiro até o oitavo período do curso.

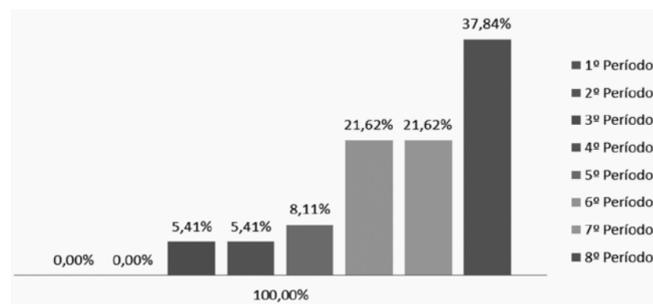
Ao todo os autores analisaram, por meio de questionários padronizados, 160 estudantes de um Centro Universitário, sorteados ao acaso, independente do sexo, tendo como critérios de exclusão alunos que se recusaram participar da pesquisa, os menores de 18 anos e alunos internos.

A conclusão a que chegaram os autores corrobora o fato de que a Ritalina vem se tornando cada vez mais o medicamento da automedicação entre estudantes do curso de medicina.

Dentre os que utilizam o medicamento indiscriminadamente (23,72%), 1/4 são do sexo masculino e 1/5 do sexo feminino, com isso, podemos considerar que os demais acadêmicos não usam o fármaco indiscriminadamente.

O consumo da droga aumenta progressivamente e chega ao ápice da categoria pesquisada, oitavo período, em que 38% dos indivíduos fazem uso indiscriminadamente. Um dado relevante apresentado Carneiro et al. (2013), e que pode ser observado pela tabela abaixo é a porcentagem de estudantes por período que fazem o uso de metilfenidato.

Figura 1. Porcentagem de estudantes por período que fazem uso indiscriminado do metilfenidato.



Adaptado de: Carneiro et al (2014), p.56

A figura 1 mostra que o uso do medicamento aumenta progressivamente conforme o decorrer do curso, visto que intensifica a carga horária, o nível de dificuldade e a exigência do curso.

Como se pode ver pelo estudo de Carneiro et al. (2013), o uso do metilfenidato sem indicação clínica feito por estudantes do curso de Medicina é alarmante; os acadêmicos, mesmo tendo conhecimento do mecanismo de ação do fármaco, o utilizam indiscriminadamente.

Outro estudo que corrobora o uso de metilfenidato sem prescrição é o Silva Júnior et al. (2016). Esses autores empreenderam uma pesquisa com 373 alunos do curso da medicina da UNIRG em que buscaram analisar o uso adequado e indiscriminado de metilfenidato (Ritalina), o neuroestimulante mais utilizado no mundo, para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, por inibir as respostas aos estímulos que distraem, suprimem pensamentos irrelevantes, diminuindo a sensação de cansaço, aumentando o foco e a atenção.

O estudo em questão, feito por meio de um questionário autoaplicável e anônimo, comprovou que a maioria dos estudantes (56,6%) nunca utilizaram o medicamento, 24,5% utilizam sem prescrição médica e apenas 4,4% dos entrevistados utilizam corretamente com o devido acompanhamento médico. Entre os usuários, 63,8% apresentaram reações adversas, das quais, as principais foram taquicardia, palpitação e perda do apetite.

Referências

CARNEIRO et al. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina. **Cadernos UniFOA**. Edição Especial Ciências da Saúde e Biológicas - Maio/2013.

OPALEYE, E. S. **Uso não prescrito de tranquilizantes entre estudantes no Brasil**. Dissertação de Mestrado (Medicina). Escola Paulista de Medicina, 2013.

Os autores chegaram à conclusão de que, entre os usuários, há um uso indiscriminado do metilfenidato para fins de melhoria de desempenho acadêmico. Para eles é importante que as universidades tenham uma política clara quanto ao uso indiscriminado, pelos estudantes “com informações científicas, educação com treino de habilidades para melhor lidar com estresse, podem se mostrar úteis na prevenção.”

Considerações Finais

O “dopping cerebral” tem sido utilizado por um público em especial, acadêmicos de Medicina, com a finalidade de potencializar seu desempenho cognitivo, visto que o curso demanda um grande esforço intelectual, o qual por meio do medicamento, é facilitado.

Os estudos analisados mostram o aumento do uso indiscriminado da Ritalina nas Universidades, o que entra em contradição com a ética preceituada na profissão médica, a qual refuta a automedicação.

O metilfenidato foi apontado como o principal fármaco utilizados pelos discentes que participaram das pesquisas. Além disso, percebeu-se maior prevalência no sexo feminino e entre indivíduos com melhor poder aquisitivo.

Nesse sentido, torna-se importante a promoção de medidas profiláticas, através de palestras reflexivas dentro das Universidades, a fim de compreender os mecanismos envolvidos na inteligência emocional para adaptação ao estresse próprio do curso.

SILVA JÚNIOR et al. Prevalência do uso de metilfenidato entre acadêmicos de medicina do Centro Universitário UNIRG – Tocantins. **Revista Cereus**. v. 8, n. 3, UnirG, Gurupi, TO, Brasil, set/dez. 2016.

TARCISIO C. S. C. Cruz et al. Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina da Universidade Federal da Bahia. **Gaz. méd. Bahia**.81:1(Jan-Jun):3-6, 2011.